

CAPITALISMO E SOCIALISMO EM FINS DO SÉCULO XX (VISÃO MARXISTA)
Armen Mamigonian

Resumo

Para atender seus interesses de potência mundial, os EUA difundiram a idéia de que o mundo vive a época da "globalização" e de neoliberalismo. A "globalização" passou a ser entendida como o enfraquecimento das fronteiras nacionais quanto aos fluxos de mercadorias, capitais, idéias, etc., enquanto o neoliberalismo corresponde ao enfraquecimento do Estado, paralelamente ao fortalecimento do mercado. Na verdade, os EUA praticam, desde o governo Reagan (1980-88), uma estratégia planejada pelo Estado combinando internamente medidas Keynesianas (corrida armamentista, etc) e neoliberais (desregulação nas leis trabalhistas, etc) e exportam para o mundo idéias radicais de "globalização" e neoliberalismo, sobretudo para a periferia latino-americana (Brasil, etc). A alternativa socialista no século XX: ascensão e queda da URSS e o desenvolvimento atual da China.

Palavras-chave: neoliberalismo, globalização, projeto nacional, periferia latino-americana, marxismo, socialismo.

Abstract

In order to fulfill their interest as world potency, the United States of America diffused the idea that the world lives the time of "globalization" and neoliberalism. The "globalization" turned out to be understood as the enfeeblement of the national borders related to the floods of merchandises, capitals, ideas, etc, while the neoliberalism corresponds to the enfeeblement of the State parallel to the strengthening of the market. In fact the United States perform, since the Reagan (1980-88) government, a strategy projected by the State matching internally, keynesians dispositives (armament race, etc) and neoliberal ones (misrule of the work laws, etc) and exported to the world radical ideas of "globalization" and neoliberalism, overall to the Latin-American periphery (Brazil, etc). The socialism experience in the XX century: the fall of Soviet Union and the great chinese development in our days.

Key-words: neoliberalism, globalization, national project, periphery latin-american, marxism, socialism.

1

Vivemos neste fim de século no mundo todo um refluxo das lutas sociais e uma intensiva ideologização de extrema-direita na vida intelectual, ambos impostos pelo grande capital, sobretudo norte-americano, momentaneamente vitorioso.

Numa certa medida é uma repetição piorada de outras conjunturas econômicas depressivas típicas do capitalismo, como ocorreu nas últimas décadas do século XIX e nas décadas imediatamente seguintes à primeira guerra mundial. Ao se instalar no centro do capitalismo uma fase de crise prolongada agravam-se as tensões sociais, políticas, étnicas,

Departamento de Geografia - USP

nacionais, ideológicas, etc, revelando o enorme potencial destrutivo e irracional do sistema e assim a sociedade burguesa torna-se conjunturalmente mais neurótica como lembramos recentemente¹.

É necessário enfatizar que na conjuntura depressiva atual a maioria dos intelectuais de direita assume uma postura ofensiva na chamada “batalha das idéias”(Gransci), reduzida, na verdade, a uma mercado de “idéias”. Ex-esquerdistas e hoje neoliberais como Vargas Llosa, H.M. Enzensberger, Mário Soares e outros, afirmam, de pés juntos e na mais santa ignorância, não ser verdade que o centro do sistema capitalista (EUA, Europa e Japão) vive à custa do Terceiro Mundo, “por não ser essa operação rentável” e nem querem se lembrar da acumulação primitiva do capital (Marx), quando durante séculos África, América Latina e Ásia foram saqueadas. Trata-se, segundo eles, de idéias dignas de “perfeitos idiotas de esquerda”, verdadeiros “dinossauros”. Aliás, o monopólio da mídia e a desqualificação dos adversários, transformados em inimigos, são práticas neofascistas, orquestradas pelo grande capital norte-americano.

Por sua vez, a maioria dos intelectuais de esquerda, ao invés de assumir uma postura radical, prefere moderar suas idéias. E. Hobsbawm, por exemplo, nega que a história funcione à base de leis, “pois isto lembra demais o positivismo tradicional”², esquecendo-se de que Marx analisou várias leis de funcionamento do sistema capitalista, com o radicalismo que lhe era peculiar.

2

O que é o capitalismo atual? Para os marxistas radicais as lições deixadas por Marx e Lênin continuam fundamentais. Mas o que nos responde Marilena Chaui, uma marxista moderada, com base em D. Harvey e R. Kurz?³ Segundo ela expõe:

1. o desemprego tornou-se estrutural, deixando de ser acidental ou expressão de uma crise conjuntural;

2. o monetarismo e o capitalismo financeiro tornaram-se o coração e o centro nervoso do capitalismo;

3. a terceirização tornou-se estrutural, deixando de ser um suplemento à produção que agora não se realiza mais sob a antiga forma fordista das grandes plantas industriais;

4. a ciência e a tecnologia tornaram-se forças produtivas, deixando de ser meros suportes do capital para se converterem em agentes de sua acumulação;

5. diferentemente da forma keynesiana, agora o capitalismo dispensa e rejeita a presença estatal não só no mercado, mas também nas políticas sociais, de sorte que a privatização também tornou-se estrutural,

6. a transnacionalização da economia torna desnecessária a figura do estado nacional com encrave territorial para o capital e dispensa as formas clássicas do imperialismo (colonialismo político-militar, geopolítica de áreas de influência, etc) de sorte que o centro econômico e político encontram-se no FMI e no Banco Mundial;

¹ A. Mamigonian: Neo-darwinismo social e múltiplas tensões no capitalismo em crise, Revista ADUSP, n. 18, outubro 1999, São Paulo. E. Morin: Cultura de massas no século XX.

² E. Hobsbawm: O novo século. Cia. das Letras, São Paulo, 2000.

³ M. Chaui: De alianças, atrasos e intelectuais. Folha de São Paulo, 24 de abril 1994, D. Harvey: Condição pós-moderna. Ed. Loyola, 1992. R. Kurz: O colapso da modernização.

7. a distinção entre países de Primeiro e Terceiro Mundo tende a ser substituída pela existência em cada país, de uma divisão entre bolsões de riqueza absoluta e de miséria absoluta.

Apesar do meritório esforço de síntese da mencionada autora, sou obrigado a estranhar "novidades" no capitalismo atual, como 1) o "desemprego estrutural", quando para Marx o exército industrial de reserva faz parte intrínseca do capitalismo, 2) o "capitalismo financeiro" passou a ser o cerne do capitalismo desde fins do século XIX (Hilferding, Lênin, etc), 3) a "terceirização" nasceu com o capitalismo, 4) a "ciência e a tecnologia" são forças produtivas já analisadas por Marx, etc. E o principal é que os acontecimentos históricos demonstraram essas verdades desde um ou mais séculos. Mais graves são as observações finais: 1) "o capitalismo rejeita a presença estatal no mercado, etc", 2) "o Estado-nacional tornou-se desnecessário" e 3) "a contradição centro-periferia tende a desaparecer". Da mesma maneira que muitos intelectuais brasileiros de esquerda acreditam na existência da "globalização" (O. Ianni, etc), Marilena Chaui acredita nas orquestrações neoliberais sobre as mudanças no capitalismo atual, em ambos os casos com santa-ingenuidade.

3

É natural que ex-esquerdistas e mesmo marxistas moderados do centro do sistema capitalista acreditem em propaganda neoliberal, pois não só estão sob pressão, como também aproveitam bem a doce vida, como as viagens que gostosamente Mário Soares ou o poeta alemão Hans Magnus Enzensberger fazem, pagas com os juros da dívida externa e outras fontes transferidos da periferia para o centro do sistema, que significam a miséria de milhões e as benesses de alguns. Entre os geógrafos europeus são naturais mudanças de posturas em D. Harvey, para quem a relação centro-periferia não tem mais poder explicativo, em Y. Lacoste cada vez menos terceiro-mundista e em H. Capel que aconselha seus colegas latino-americanos a não falar de imperialismo ianque⁴.

Não deveria ser natural o clima de submissão intelectual entre as pessoas de esquerda da periferia capitalista, diante da brutalidade neoliberal a que somos submetidos. Esta submissão intelectual tem várias explicações e uma delas é a colonização cultural que se tornou mais forte atualmente. Otto Maria Carpeaux lembrou a propósito de uma viagem a uma colônia francesa na África negra, o choque que sentiu André Gide (*Voyage au Congo*) na visita a um colégio oficial, onde numa classe de latim os meninos negros de 10 a 11 anos estavam traduzindo, sob supervisão do professor, o começo do *De Bello Gallico*, porque, explicava o mestre, também negro, se tratava "dos nossos antepassados gauleses" e os meninos recitavam em coro: "Gallia est divisa in partes tres"⁵. E muitos de nós de esquerda continuamos a recitar em coro: "é globalização, é globalização", "o Estado é ineficiente, o Estado é ineficiente", "a inflação é o inimigo número um, número um", "a abertura comercial é necessária, é necessária", etc.

Ora, no lugar desta marcha a reboque das idéias neoliberais, os intelectuais de esquerda deveriam se perguntar se não são imposturas as afirmações a respeito 1) do enfraquecimento do Estado capitalista e, se verdadeiras, em que países, em que setores e

⁴ D. Harvey: entrevista no Bol. Paulista de Geografia, n. 74. Y. Lacoste: *Contra os anti terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas*. Ed. Ática, 1991. H. Capel: *Palestra no Encontro de Geógrafos Latino-americanos*, B. Aires, 1997.

⁵ Júlio César: *Comentários sobre a guerra gálica*, apresentação O. M. Carpeaux. Ed. de Ouro, 1967.

quais seus significados, 2) do enfraquecimento ou desaparecimento das fronteiras nacionais e, se verdadeiras, em que casos ocorrem e por quais razões, 3) da tendência ao desaparecimento das relações centro-periferia no sistema capitalista, substituídas pela homogeneização das sociedades (o primeiro mundo e o terceiro mundo se misturariam em todos os países), 4) de o imperialismo ter acabado ou estar mais poderoso e atuante e quais suas manifestações e 5) de como todas estas perguntas se manifestam no período depressivo atual do capitalismo. Evidentemente as respostas a essas questões exigem um enorme esforço teórico e empírico, mas é preciso enfrentar o desafio. Sem pretender responder às questões, é necessário assinalar os rumos que a procura deve tomar, enfatizando a importância da análise dos processos, uma análise que valorize a gênese das mudanças em andamento.

4

Neoliberalismo e “globalização” são as duas idéias-força mais importantes impostas ao mundo pelo imperialismo norte-americano desde 1980 aproximadamente. Quando se iniciou o período depressivo atual no centro do sistema capitalista (ciclo Kondratieff), o capitalismo americano estava atordado pelas derrotas militares na Ásia (Vietnã), pela expansão geopolítica da URSS, pela crescente concorrência japonesa e pela sua própria perda de dinamismo econômico.

Os dois choques do petróleo (1973 e 1979) foram fortes sinais de alerta, além de que em 1971, sob pressão da concorrência comercial do Japão e da Alemanha, Nixon já havia desvinculado o dólar do seu lastro em ouro. A grande virada dos EUA começou com o governo Reagan (1980-1988), que iniciou uma agressiva política de recuperação das posições perdidas⁶.

A impressionante recuperação pela qual passou a economia americana na década de 80 tem relação direta com a política keynesiana (e não neoliberal) adotada pelo governo Reagan de alavancar a corrida armamentista (afinal a primeira aplicação prática das idéias de Keynes foi feita na Alemanha hitlerista nos anos 30), usando déficits orçamentários e gigantescas emissões de bônus do tesouro americano (endividamento junto aos bancos japoneses, alemães, etc) com fontes de financiamento, favorecendo a retomada da atividade produtiva, a criação de milhões de empregos, bom como um forte estímulo às indústrias de alta tecnologia e outras (IBM, Microsoft, Boeing, etc). Paralelamente as grandes empresas privadas da segunda revolução industrial (GE, Ford, etc) foram estimuladas e financiadas a abandonar suas estruturas fordistas “inchadas” e passaram por reestruturações que as aproximaram de estruturas toyotistas, que seus cientistas sociais passaram a chamar envergonhadamente de “flexíveis” ou “pós-fordistas” (Scott e Storper entre os geógrafos). Tais reestruturações foram garantidas pela política de reserva de mercado, isto é, protecionismo planejado, como no caso de estabelecimento de quotas de importações de automóveis (1981), que se não tivessem sido adotadas resultariam em maciças destruições do parque industrial americano, diante das importações competitivas e predatórias dos produtos japoneses.

Em resumo, os EUA puseram em prática, na década de 80 e na década atual (Clinton), uma política econômica combinando medidas keynesianas e neoliberais em doses planejadas pelo Estado, incluindo além do que já foi exposto 1) uma abertura

⁶ I. Rangel: A recuperação americana (1 e 2). Folha de São Paulo, 21.04 e 06.07 de 1983, N. Spulber: The american economy: The struggle for supremacy in the 21st century, Cambridge Univ. Press, 1995.

controlada, visando importar bens de consumo simples e duráveis que ajudem a rebaixar os custos de reprodução da força de trabalho, além de petróleo e matérias-primas necessárias, 2) medidas neoliberais para uso no exterior; cobranças de juros dos devedores, aberturas dos mercados financeiros e de mercadorias na América Latina e em inúmeros tigres asiáticos, incluindo dolarização cambial, como na Argentina, e absorção do movimento das bolsas, como no caso das ações brasileiras hoje mais transnacionalizadas em Nova York do que em São Paulo, 3) medidas neoliberais intensas em matéria fiscal, com diminuição de impostos às empresas e aumentos junto à classe média, nas desregulações nas relações de trabalho e em certos setores, como nas finanças e na aviação, 4) uma política agressiva de ampliação do território econômico americano (Nafta, que faz com que 85% das exportações do México se dirijam aos EUA) e a crescente inclusão de novas áreas (Caribe, em estado avançado e América Latina, África negra e Europa Oriental, em disputa com a Europa).

Não é difícil entender que a mudança de política e de postura do governo americano de defensiva na década de 70, para agressiva, na década de 80, exigisse a criação da idéia de "globalização" como a nova "realidade" mundial; como campanha mundial de marketing num dado momento, no seguinte se referindo a algum tipo de matriz organizacional de empresas ou então à irrelevância das fronteiras nacionais. Foi no último sentido que "globalização" se tornou artigo de exportação americano, visando forçar a abertura dos mercados financeiros e de mercadorias no exterior, quando as revistas de administração de Harvard, Yale e outras universidades "sérias" foram estimuladas a produzir enxurradas de artigos "científicos" como "The Globalization of Markets" de T. Levitt, na Harvard Business Review.

De tudo que foi dito é fácil imaginar que o Estado no centro do sistema capitalista tem desempenhado um papel fundamental não só na corrida tecnológica em direção à terceira revolução industrial, mas também no reforçamento dos interesses das nações hegemônicas e das fronteiras nacionais. M. Guaino, comissário francês de planejamento criticou a "globalização" nos seguintes termos: "terminou-se por perder de vista que o coração da economia está no interior do próprio país e que o essencial se joga, antes de mais nada, na proximidade", pois afinal de contas a proporção do comércio extra-europeu no PIB europeu não é maior que 10%. O planejamento continua sendo importante ferramenta de política econômica nos países centrais e de reforçamento dos Estados-nação. Neste sentido o Estado no centro do sistema não pode se encolher como garante o marketing neoliberal: as despesas estatais como percentagem do PIB aumentaram nos EUA de 1960 (26,8%) para 1980 (31,4%) e 1998 (32,8%), assim como na França de 1960 (34,6%) para 1980 (46,1%) e 1998 (54,3%), com receitas proporcionalmente menores em 1998 em relação a 1960, o que, aliás, tem garantido negócios financeiros de bilhões de dólares por dia, com papéis da dívida pública americana, alemão, japonesa, francesa, etc.⁷

É necessário assinalar que as grandes multinacionais americanas, européias e japonesas realizam um gigantesco esforço de participação em todos os mercados da chamada "Triade" (EUA, Europa e Japão), tentando participar do seletivo e pequeno grupo

⁷ No Brasil poucos intelectuais perceberam o caráter neocolonial da chamada "globalização", merecendo destaque P. Nogueira Batista Jr.: Mitos da "globalização", IEA - USP, 1997, N. Werneck Sodré: Imperialismo e neoliberalismo, Revista Principios, São Paulo, 1997. Ver também Micklethwait e A. Wooldridge: Os bruxos da administração, cap. 10, Ed. Campus, 1998.

⁸ M. Guaino: Le mythe de la mondialisation, Le Monde 24.05.1996, in L. Sachs: Desenvolvimento numa economia liberalizada e globalizada: um desafio impossível? Estudos Avançados, n. 11 (30), 1997, os dados sobre receitas e despesas estatais são de OCDE.

dos futuros sobreviventes das fusões que se estão aceiando, procurando estar entre os cinco ou seis grupos mundiais de cada setor (telecomunicações, automóveis, equipamentos elétricos, etc) nos próximos dez anos. Quando isto ocorrer haverá tendência ao aparecimento de uma nova cartelização mundial e assim nos aproximaremos do superimperialismo constituído de poucas empresas globais, como previu Kautsky no início do século. Haverá também a possibilidade no centro do sistema de nova regulação produção-consumo, com base num oligopólio global (EUA, Europa, Japão), que substitua o fordismo oligopólico nacional (1930-1975) e o toyotismo concorrencial (1975-2010?). Mas isso não significa o fim das nações, pois paralelamente ao processo acima apontado, também está em andamento a emergência de novas potências (China, Índia, Coreia, etc), o que nos leva a crer que o século XXI também será de conflitos nacionais, como foram os séculos XIX e XX.

5

A nós brasileiros cabe nos perguntar se queremos como futuro a condição de semicolônia norte-americana, como ocorre crescentemente com o Canadá, o México, a Inglaterra e com nós mesmos ou se nos interessa, pelo potencial que já demonstramos (alcançamos e perdemos a condição de 8ª potência mundial), retomar nosso esforço nacional de autonomia, já demonstrado em vários setores, como a busca do petróleo em águas profundas (Petrobrás), a produção de aviões de linhas regionais onde somos os maiores do Mundo (Embraer), nas pesquisas puras e aplicadas (física, biologia, agronomia, etc).

Para tanto, como cientistas e cidadãos temos que reassumir o nosso destino e tomar consciência da gravidade da situação. No período 1930-80 fomos o país que mais cresceu no Mundo, juntamente com a URSS e o Japão, como frequentemente lembrava Ignácio Rangel, o mais genial economista que o Brasil produziu, praticamente o único que apontava a saída da crise pelo uso das capacidades ociosas em mecânica e engenharia pesadas na construção de obras paralisadas como a Ferrovia do Aço, as usinas elétricas ou aquelas que andavam lentamente (metropolitanos, saneamento básico, rodovias), pela concessão de serviços públicos à iniciativa privada, com os compromissos de investimentos maciços, até hoje praticamente ausentes⁹.

Os militares, responsáveis pelo endividamento ligado à “marcha forçada” (A. Barros Castro) da década de 70, não conseguiram equacionar a problemática financeira da crise brasileira (Estado excessivamente endividado), mas nem os partidos de esquerda, frequentemente carentes de instrumental teórico sério e acabaram enveredando pela chamada “teoria” da inflação inercial e pela política de estabilização monetária, sem se dar conta de que este era o caminho que interessava ao imperialismo. Além das advertências de I. Rangel, repetidas dezenas de vezes nos debates na imprensa, vale a pena lembrar as observações de P. Anderson: “recordo-me de uma conversa que tive no Rio de Janeiro, em 1987, quando era consultor de uma equipe do Banco Mundial... Um amigo neoliberal da equipe... confiou-me que o problema crítico no Brasil não era uma inflação demasiada alta, mas sim demasiado baixa... Esperemos que os diques se rompam, precisamos de uma hiperinflação aqui para condicionar o povo a aceitar a medicina deflacionária drástica que falta neste país”¹⁰.

⁹ I. Rangel: *Economia: milagre e anti-milagre*. Zahar, Rio de Janeiro, 1986.

¹⁰ P. Anderson et alii: *Neoliberalismo na América latina*, Paz e Terra.

Os números do balanço de pagamentos (US milhões) demonstram os resultados perniciosos que passamos a sofrer, por conta do controle da inflação pelo uso da abertura indiscriminada do nosso mercado às importações predatórias, que nos tornaram altamente vulneráveis aos ditames do FMI, do Banco Mundial, etc:

	1987	1990	1997
balança comercial =saldo	+11172	-10753	-8372
balança de serviços =saldo	-12678	-15369	-27288
juros	-8792	-9748	-10390
viagens internacionais	-184	-121	-4377
transportes	-785	1643	-4514
seguros	-214	-69	74
lucros e dividendos	-909	-1592	-5597
outros	-1975	-2196	-2485

Da política neoliberal que nos foi imposta e cujo lado negativo os EUA não adotam (menor Estado e abertura comercial indiscriminada) acabou resultando o agravamento da dívida pública externa e interna, a ausência de política industrial e de exportações e um maciço desemprego: enquanto os EUA registraram 6,9 milhões de desempregados em 1990, cifra que aumentou para 7,4 em 1995, conseguiram uma queda do desemprego para 5,9 milhões em 1999, caindo da 2ª posição mundial em termos absolutos para a 6ª, o Brasil por conta do neoliberalismo registrava 2,4 milhões de desempregados em 1990, subiu para 4,5 em 1995 e atingiu 7,7 milhões em 1999, saltando da 8ª posição mundial para a terceira¹¹. Não podemos suportar tamanha traição nacional e arrogância social, como esta política de vendermos nossas indústrias e exportarmos nossos empregos.

5

O que se passou no mundo socialista ao longo do século XX e o que se passa hoje, incluindo a queda da URSS e a rápida expansão econômica e militar da China?

Assim como a transição feudalismo-capitalismo durou séculos, conforme as análises feitas durante o debate Dobb-Sweezy, igualmente a transição capitalismo-socialismo está se fazendo ao longo de séculos. Os germes do capitalismo nas cidades italianas e flamengas (séculos XIII e XIV) não foram suficientes e só muito mais tarde as relações capitalistas de produção na Inglaterra tiveram forças suficientes para romper a carapaça feudal (Revolução puritana), criando em meados do século XVII o primeiro Estado capitalista no mundo, que teve ele próprio papel de alavancar o capitalismo inglês vitorioso. Ora, quando Marx e Engels imaginaram a vitória da revolução simultaneamente na Inglaterra, França e Alemanha, criando um núcleo socialista mundial ao redor do qual poderiam girar e se incorporar os demais países (inclusive a Rússia, com sua comunidade agrária igualitarista), estavam se baseando nas experiências das revoluções de 1848 que

¹¹ Márcio Pochmann, elaboração Unicamp, a partir de dados oficiais internacionais.

agitaram a Europa, como já foi assinalado (I. Deutscher). Mas a realidade mostrou-se diferente, pois quando da conjuntura revolucionária mundial de 1917-23, somente na Rússia a revolução se saiu vitoriosa, em parte graças às idéias de Lênin, que conseguiram impulsionar para frente o pensamento marxista radical.

Já eram visíveis no início do século XX a coexistência no movimento socialista europeu de idéias marxistas moderadas, radicais e de esquerdismo infantil, que nasceram com o próprio socialismo de meados e segunda metade do século XIX, com direita (Lassale), centro (Marx) e esquerda (Blanqui) bastante nítidos. Frequentemente um mesmo revolucionário adotou posições esquerdistas num momento e moderadas em outro, como ocorreu com Bukharin ou Fidel Castro e ao longo do século XX as posições de direita, centro e esquerda se enfrentaram na interpretação e na prática revolucionária, sendo que o esquerdismo se manifestou por radicalizações insustentáveis (Trotsky contra a paz com a Alemanha durante a 1ª G. Mundial ou o igualitarismo social sem bases materiais palpáveis, como em Mao e Che Guevara).

O maior mérito de Lênin foi ter percebido que a 1ª G. Mundial seria uma conjuntura excepcional na luta da classe operária europeia contra o capitalismo, frente às posturas medrosas dos marxistas excessivamente moderados (Kautsky entre outros). Quando os camponeses russos, convocados ao serviço militar, começaram a abandonar as frentes de batalha nos inícios de 1917, percorrendo centenas de quilômetros a pé e passaram a ocupar as terras feudais nas suas aldeias de origem, Lênin assinalou que os "camponeses votavam com os pés". Preparou a tomada do poder que saiu das mãos dos mencheviques, pois estes não se decidiram a favor dessas ocupações e nem da paz com a Alemanha, medidas que reforçaram o poder bolchevique durante a sangrenta guerra civil (1918-1921), desencadeada pelo feudalismo russo e pelo imperialismo mundial. A ausência de uma diretriz a favor da ocupação das terras pelos camponeses contribuiu para a derrota da tentativa revolucionária na Hungria na mesma época (G. Lukács).

A vitória da Revolução de outubro comprovou a força do marxismo radical, assim como a realidade foi mostrando que o capitalismo nos países centrais se consolidava mais e mais. Enquanto Marx não havia percebido claramente o papel crescente do nacionalismo na Europa e no mundo, Lênin apontou de maneira pioneira para a crescente relação centro-periferia capitalista (imperialismo), que tornava a periferia tendencialmente revolucionária e o centro crescentemente reacionário. Além da explosão de criatividade intelectual que a vitória da revolução de 1917 propiciou em campos tão variados como a economia (Kondratieff), a política (Gramsci), a filosofia (Lukács), o cinema (Eisenstein), o teatro (Brecht), etc, ela contribuiu para impulsionar as lutas dos povos coloniais, sobretudo asiáticos, onde os problemas sociais (reforma agrária, exploração operária; etc) se agravavam pela brutal exploração estrangeira, francesa (Indochina), japonesa (China e Coreia), inglesa (Índia), etc. Assim, não deve surpreender que o Manifesto Comunista de 1848 tenha sido traduzido para o chinês apenas em 1920, mas que o pequeno PCC dos anos 20 tenha iniciado a duras penas suas atividades revolucionárias e que em 1949 tomava o poder, abalando a hegemonia americana na Ásia, recém adquirida pela derrota do Japão na segunda guerra mundial. Passaram a se travar naquele continente as lutas mais duras entre capitalismo e socialismo à escala mundial na segunda metade do século XX. O marxismo deixou gradativamente de fazer sentido na Europa ocidental e passou a ser fonte de inspiração e instrumento de luta nas regiões periféricas semi-coloniais ou coloniais e semi-feudais, em processo de industrialização.

Ora, a ausência de revoluções nos países capitalistas centrais e a vitória revolucionária em países atrasados como a Rússia (1917), o Vietnã (1945), a Iugoslávia (1945), a China (1949), Cuba (1959) colocou o problema da "construção" do socialismo, já que nestes países não existiam as mínimas bases materiais para relações de produção socialistas. As revoluções socialistas vitoriosas tiveram que assumir muitas tarefas complexas, no lugar de simplesmente implantar relações socialistas de produção, diminuir a jornada de trabalho e dissolver gradativamente o Estado, como nas idéias de Marx (Lênin: O Estado e a revolução). Criou-se uma situação semelhante à chamada Inovação Meiji (1868), quando senhores feudais tomaram o poder, criaram um Estado capitalista, dissolveram as relações feudais e implantaram de cima para baixo relações capitalistas de produção: o Estado capitalista precedeu e criou a sociedade capitalista japonesa, sob pressão externa colonialista desde 1853 (abertura dos portos).

Entre estas tarefas complexas esteve a luta pela sobrevivência da revolução durante muitos anos, como a preparação do Exército Vermelho para enfrentar a Alemanha nazista ou a guerra civil de décadas na China para derrotar os senhores feudais e o imperialismo e nos dois casos realizar paralelamente tarefas da revolução burguesa (reforma agrária), que nem Kerensky e nem Chiang Kaishek conseguiram implantar. Assim, incidem em ilusões ahistóricas os marxistas moderados de hoje (radicais de ontem), que preferem a posteriori os mencheviques aos bolcheviques.

A complexidade incluiu a precária preparação democrática das lideranças revolucionárias, incluindo Lênin, que não percebeu a importância da chamada Oposição operária (A. Kollontai) para a democracia socialista, como antídoto aos métodos burocráticos crescentes (Zinoviev, Stálin, etc). Ao invés do fortalecimento da classe operária no poder, houve seu enfraquecimento. Com o tempo agravou-se a contradição entre interesses da burocracia e os interesses dos trabalhadores. Depois do fracasso das canhestras tentativas de reformas dos anos 50 e 60 (Kruchev), os trabalhadores foram se desmotivando e boicotando a produção. O impasse poderia ter sido quebrado recentemente pela introdução maciça de automação e conseqüente diminuição da jornada de trabalho, que estimularia a participação dos trabalhadores na administração das empresas (auto-gestão) e levaria à diminuição da burocracia estatal, que naturalmente não estava interessada nestas mudanças. Assim, pela nossa análise não procedem as colocações que de tempos em tempos aproximam a experiência socialista da experiência capitalista, como a passagem indolor do capitalismo para um ~~"socialismo mundial produtor de mercadorias" abrangendo socialismo e capitalismo para um~~ "socialismo tecnocrático" (Kautsky), a ênfase ~~nas~~ ^{nas} semelhanças das estruturas burocráticas e tecnocráticas sob o capitalismo e o socialismo (Galbraith: O novo estado industrial) e o chamado "sistema mundial produtor de mercadorias" abrangendo socialismo e capitalismo (R. Kurz: O colapso da modernização), que em todos os casos minimizam o papel das lutas de classes, da política e dos sujeitos históricos, em favor de determinações estruturais, numa empobrecedora visão economicista.

Antes da queda da URSS, provocada pela apostasia de seus dirigentes contra-revolucionários (Yeltsin) ou aprendizes de feiticeiros (Gorbachev), decorrente da crescente incompetência e apodrecimento da burocracia dirigente, o PCChinês iniciou em 1978 as